

## A força da religiosidade dos Arturos

Rosângela Paulino de Oliveira

Segundo Roger Bastide (1959) o catolicismo foi um relicário precioso que a Igreja ofertou aos negros, para aí conservar, não como relíquias, mas como realidades vivas, certos valores altos de suas religiões nativas.

O contato com o novo mundo iria, de qualquer forma, provocar significantes mudanças culturais nas diferentes etnias africanas. Porém a Coroa Portuguesa foi implacável quanto à necessidade de catequizar os “povos primitivos” e impor-lhes um sistema religioso onde pudessem “conhecer Deus” e encontrar a salvação, sem considerar em momento algum que estes povos já tinham um sistema de crenças e valores religiosos.

Porém, a tentativa de branqueamento ideológico, que poderia ser recusada pelos africanos e seus descendentes, resultou numa verdadeira inversão. Podemos dizer que os santos católicos como afirma Monique Augras (1983), é que acabaram colonizados, servindo de porta-voz às divindades africanas. Temos na Congada, preservada pelos Arturos e diversos grupos de Minas Gerais, um catolicismo recheado de valores negros recriados a partir da experiência do cativo, onde toda sua dinâmica, seu desencadeamento, remete a um ethos negro africano. Não apenas por conta do linguajar, dos objetos simbólicos, das danças, mas porque toda a vivência religiosa-festiva é mediada pela presença dos antepassados. Ancestrais que se fazem presentes desde o momento em que soa a batida do primeiro tambor, acompanhado das vozes de lamentos pedindo aos antigos permissão para reinar com os bastões e coroas, até o encerramento da festa, quando todos depositam seus objetos sagrados para repouso. Verdade expressa no canto dos Arturos mais velhos: "esse reinado é dos antigos, veio lá d'África" ou "essa ingoma<sup>1</sup> não é minha, é ingoma de papai, é ingoma de vovô".

Velhos que sabem do que estão falando quando estimulam os dançantes dobrando o corpo que balança cadenciado e clamando com a voz gutural: "*chora*

---

<sup>1</sup> Ingoma é palavra que designa a herança recebida dos antepassados, é como os Arturo chamam o grupo de dançantes ou a própria festa. Palavra que remete ao étimo bantu **ngoma**, que significa precisamente "tambor".

*ingome, chora ingoma*", e os tambores batem mais forte, compassados. É ao mesmo tempo herança que se faz viva e voz dos antepassados, ritmo que mexe os negros corpos, vida que se renova, comunidade forte, presente, irmanada e ancestralidade confirmada. Por um momento se dão asas à imaginação e parece à própria África falando, reclamando seus filhos. A santa branca assume feições negras e se faz presente nos reis e rainhas negros ali coroados, que com seus mantos e bastões vão abençoando e velando por todos os presentes, por todo o reinado.

A magia do momento é tão forte que mesmo aos olhos dos menos atentos há uma sensação de volta ao passado. É comum ver pessoas da família ou mesmo visitantes em prantos, levados pela força cósmica ali presente, como um momento de transe coletivo.

Consideramos que esta adesão ao catolicismo, através da devoção a Nossa Senhora do Rosário, é, como Arthur Ramos (1942) chama, uma adaptação do processo de sincretismo. Os negros conseguiram conciliar os traços de sua cultura com os da européia tão intimamente que resultou numa manifestação cultural aceita pela sociedade, e que corresponde à sua necessidade de manifestação religiosa.

Ninguém pode negar que os Arturos, com sua crença religiosa, conseguiram estabelecer um ponto de contato entre o catolicismo e os ritos africanos. Conseguiram criar uma prática ritual coletiva na qual um grupo muito grande sente-se ligado e fortalecido, mesmo os que não fazem parte da família co-sanguínea, mas que reinam com eles, que compartilham da mesma fé ancestral. Assim, hoje o padre e os fiéis da Igreja Católica não têm como lhes negar passagem quando param diante da porta da igreja e fazem sua profissão de fé entoando seu canto pedindo licença para entrar:

*Senhor padre abre a porta  
Que esse nego quer entrar  
Quer ouvir a santa missa  
Que o Padre Eterno vai rezar*

Nos Arturos os aspectos religiosos são propiciadores de uma sociabilidade intensa. Para Durkheim (1989), os rituais, se partilhados socialmente, assumem uma conotação religiosa que traduzirá as idéias e valores do grupo. Tanto ele quanto Mauss (...) defendem que religião não é necessariamente algo que diz respeito a deuses e ao sobrenatural, mas está ligada ao fator social, a um grupo de pessoas que partilham das mesmas crenças e valores. Portanto os rituais são determinantes da vida em sociedade, estão presentes nas festividades e demonstrações populares e é através deles que a

sociedade toma consciência de si, se recria e se afirma. Mas, para sua sobrevivência, diz Durkheim, é necessário um grupo de pessoas, uma comunidade moral relativamente unida em torno de determinados valores, a que o mesmo autor chama de igreja.

Ao observar a vivência religiosa dos Arturos, chegamos à conclusão que sua prática religiosa está para além do espaço físico da capela onde eles mantêm os santos e os objetos rituais e sagrados: ela se amplia para o âmbito externo. Quando saem às ruas em procissão e percorrem o caminho mítico dos ancestrais. É como se refizessem o mesmo caminho que eles pisaram há tempos atrás. Em cada esquina em que param, onde aparentemente não existe nada além do visível e comum a qualquer rua, entoam um canto em reverência a um ente que por ali passou e fez algo que tem significado para o grupo. A força está no indizível e no invisível aos olhos do cidadão comum. Não há como negar que é uma igreja que se amplia para além das quatro paredes que lhe conferem o estatuto de sagrada, pois o sagrado se coloca no espaço e no tempo da memória coletiva. Como lembram os Arturos:

*Toda vez que passamos por essa porteira nós pedimos licença, pois estamos entrando ou saindo de uma terra sagrada, terra que tem o sangue e o suor dos nossos ancestrais, onde eles reinam até hoje. Aqui é terra sagrada.*

*Está vendo aquele cruzeiro lá na Casa de Cultura? Aquilo ali é lugar sagrado. Muitos vêem aquele lugar somente como espaço cultural, mas foi mercado de escravo, foi gente nossa que colocou ali e é onde as almas vão rezar. Por isso tem que iluminar sempre. Mas como fica em espaço público, hoje a gente só faz isso em dia de festa, porque aí ninguém liga. Mas não dá para passar por ele sem o devido respeito.*

Pollak (1989) dirá que estas lembranças e imagens estão circunscritas à memória afetiva e familiar e por isso não têm importância para a sociedade maior. Mesmo sendo contatadas e cantadas, elas se tornam inaudíveis diante da emergência do acelerado progresso. O fato de um grupo de negros “fantasiados” estarem ali, num ponto da avenida, parados e entoando seus cantos, representa somente um transtorno ao trânsito que teve que ser interrompido. E por ser uma memória familiar, de um grupo que é discriminado, ela não invadirá o espaço público, pois não faz sentido para a coletividade. Mais precisamente, torna-se invisível para a sociedade abrangente.

Dentro do espaço onde moram, mesmo fora do período de festas, os Arturos convivem com o sagrado e com a hierarquia dos que ali habitam. A capela está plantada no alto da ladeira, onde todos podem ver e sabem que ali estão presentes os símbolos

que guardam a história da comunidade. Vêm através da porta de vidro o clarão das velas acesas para iluminar as coroas e bastões, a sombra dos tambores. Um Cruzeiro, negro como a noite, untado com betumem, está enfrente a capela e é onde a noite as almas vão rezar. Os mastros nas casas, em dia da festa, indicam que ali é casa de reis ou de capitão, é lugar de respeito. Não passam pela "casa mãe"<sup>2</sup> sem pedir a benção às tias, mesmo que as portas e janelas estejam fechadas. Saúdam reis, rainhas, capitães e os irmãos do rosário com "Salve Maria", uma referência à "Mãezinha" que os protege. Estabelecem uma relação de intimidade com Nossa Senhora, a quem chamam de Mãezinha ou Mamãe, numa relação de total intimidade, como pode ser percebido nos cantos a Ela dedicados:

*Ô, Mamãe  
acode eu Mamãe,  
ajuda eu Mamãe  
Tem dó de mim.*

*Ô, Mamãe  
abraça eu Mamãe,  
embala eu Mamãe  
Tem dó de mim.*

Cantos que revelam a intimidade com a Santa e a crença de que Ela realmente os adotou por filhos e os ampara:

*Ô, minha Mãe,  
Minha Mãe amada,  
Todo dia eu rezo a Ela  
Ela é o meu amparo.*

Que colocam seus lamentos e esperanças nas mãos daquela que está acima de tudo, que é a Mãe e Senhora do Rosário:

*Senhora do Rosário,  
Ô, a Senhora é uma Mãe tão boa  
Pois venha ver os seus filhos ajoelhar  
A seus pés pedindo forças pra vencer na vida.*

Esse respeito com o sagrado, com a organização social, ritualística e hierárquica, elementos tratados com simplicidade, é o que reforça a solidariedade grupal e a imagem religiosa que eles fazem de si mesmos e expressa seu modo de ver e viver no mundo.

---

<sup>2</sup> Chamam de "casa mãe" a casa onde morou Arthur Camilo e onde hoje moram sua filha Maria do Rosário, a Induca.

Todo o sistema de representações dos Arturos é religioso, a memória da família é religiosa. Estão em constante busca e contato com o Cosmos quando se fazem árvores, pilões a fundir-se com a terra, quando firmam seus mastros de bandeira que os ligam ao mundo dos mortos e ao espaço divino. Quando na Matina<sup>3</sup> vão rezar para junto com Zambi abençoar a vida que está para nascer. Ultrapassando o limiar entre o real e o imaginário na convivência com os antepassados, se intitulam filhos de Zambi e de Nossa Senhora do Rosário e se colocam sob a proteção dos santos do catolicismo popular e dos pretos velhos, marinheiros, caboclos, orixás, dos protetores dos antepassados. Não sabem se ver e ser de outra forma, realidade expressa na fala de um dos netos Arturo:

*O que mantém a família viva e unida é o Congado, a fé em Nossa Senhora do Rosário e nos santos. No dia em que tirarem o Congado daqui acaba tudo. Não sei nem se ainda seremos uma família. Nosso rosário é antigo, se perde no tempo, com os que já foram. É o que nos liga com Deus e Nossa Senhora. Sem isso não somos nada.*

Diria, como Geertz (1989), que os Arturos encontraram na religião uma forma de ajustar suas ações e estabelecer a ordem cósmica no plano da experiência familiar e comunitária. Quando dizemos que somente a festa é que restitui a ordem à família, pois é o momento em que há uma pausa nas práticas diárias, nos pequenas desavenças e todos convivem harmoniosamente para o reinado de Nossa Senhora. Isso nada mais é do que a reformulação da vida a partir da experiência do sagrado. Eles deixam-se envolver emocionalmente por um passado em que a ordem era estabelecida pela criação de um mundo ideal para se viver, em que a família procurava formas de estabelecer-se e firmar morada numa terra inóspita, mas no qual pairava o sonho da liberdade e da união. Apóia-se nas crenças recebidas dos pais desse passado de luta e esperanças, como se a propriedade onde moram fosse à terra prometida a que chegaram e da qual tomaram posse com muito custo. Os símbolos sagrados, plantados por todo o espaço, reforçam o compromisso que adquiriram com a perpetuação dessa história.

Segundo Eliade (1992), todos os grupos tradicionais tentam resistir às transformações e manter a concepção tradicional do tempo cíclico e da periódica regeneração da história. Os Arturos vivem em sua prática o mito do eterno retorno. Ano após ano tentam garantir a sobrevivência dos costumes, da tradição deixada pelos

---

<sup>3</sup> Matina é o momento em que os integrantes da Congada se unem e vão em procissão, às 4 horas da manhã, ao Cruzeiro santo rezar.

ancestrais, e manter um elo com o passado cada vez mais forte sem, contudo, deixar de incluir em seu projeto de vida comunitária os novos valores sociais; conquanto isso não se constitua uma ameaça à sobrevivência grupal e ritual de toda a família. Eliade ainda diz que:

*O passado nada mais é do que uma prefiguração do futuro. Nenhum acontecimento é irreversível, e nenhuma transformação é final. Num certo sentido, é até possível dizer que nada de novo acontece no mundo, pois tudo não passa de uma repetição dos mesmos arquétipos primordiais; esta repetição, ao atualizar o momento mítico em que o gesto arquetípico foi revelado, mantém constantemente o mundo no mesmo instante inaugural do princípio. O tempo só torna possível o aparecimento e a existência das coisas. Não exerce uma influência final sobre sua existência, já que, ele próprio, passa por uma constante regeneração. (p.80)*

Para que os mais novos continuem com a tradição é preciso deixar que as mudanças aconteçam, permitir que os ritos se integrem aos novos tempos e movimentos, que o trabalho, a educação, a modernidade vá aos poucos se inserindo. É a única forma de cativar a nova geração, evitar os conflitos e preservar as pedras no mesmo lugar. Alguns, mesmo os mais velhos, percebem que não dá mais para ser como no tempo dos pais:

*A gente sente que a cada ano as coisas vão mudando mais e mais. É muito triste porque essa juventude não sabe nem o que significam os fundamentos e querem assumir o lugar da gente. Mas temos que dar lugar para eles, senão vai acabar tudo. Eles vão apanhar muito ainda, mas aprendem. Muita coisa nós também aprendemos na marra. Pena que nem todos os meus irmãos vejam as coisas assim, não querem nem saber de conversa, só criticam os mais novos e aí eles, que são muito marrudos, vão se afastando.*

Encontramos explicação para o sentimento dos mais velhos nas palavras de Halbwachs (1990):

*A sociedade religiosa quer se persuadir de que nada mudou, ainda que tudo se transforme em torno dela. Consegue isso somente com a condição de recordar os lugares, ou reconstituir em torno dela uma imagem ao menos simbólica dos lugares nos quais ela se organizou de início. Porque os lugares participam da estabilidade das coisas materiais e é baseando-se neles, encerrando-se em seus limites e sujeitando nossa atitude à sua disposição, que o pensamento coletivo do grupo dos crentes tem maior oportunidade de se eternizar e de durar: esta é realmente a condição da memória. (p.159)*

É somente através desse emaranhado de sentimentos e sentidos, de um passado que se perpetua e dita as regras de convivência, que os Arturos conseguem se ver e ser. É difícil também vê-los fora dessa imagem ritualística, mítica e de perfeição que criaram. Stanley Tambiah (1985) afirma que os mitos e os ritos são bons para pensar e para viver. Que eles permitem comunicar, fazer, modificar, transformar, as idéias e fazeres dos grupos. Conforme sua definição de ritual:

*O ritual é um sistema cultural de comunicação simbólica; constituído de seqüências ordenadas e padronizadas de palavras e atos; freqüentemente expresso por múltiplos meios; esta ação ritual é performática.*

O tempo tem ajudado os Arturos a conciliar o saber das gerações e juntos estão buscando desenvolver uma visão, dentro da história e da tradição, que desenvolva uma ação social eficaz, inclusiva, que Mauss buscou incluir em sua visão de sociedade. É na história, na resistência dos negros em Minas Gerais, no seio de uma Igreja que primeiro os negou e depois os assumiu que os Arturos buscam se firmar e não deixar o passado morrer.

### **A fé que se faz festa**

A característica religiosa dos Arturos é a devoção à Senhora do Rosário e aos santos negros — Santa Efigênia e São Benedito. Fé aprendida com os pais, que os ensinou a ver o mundo através das contas do Rosário sem, contudo, perder de vista os ensinamentos da antiga religião dos ancestrais. Carregam em si a responsabilidade e o orgulho de ser uma conta do Rosário de Nossa Senhora, metáfora assimilada por todos e cuidadosamente representada nos dias de festa, em que Congo e Moçambique se entrelaçam sem deixar quebrar a corrente que se forma. Nesses dias, as possíveis brigas e intrigas existentes são deixadas de lado para formarem uma unidade na fé, expressão que comumente ouvimos dos dançantes:

*Quando estamos aqui, não importa se estamos brigados, isso é lá fora. Aqui dentro do Rosário estamos dançando para Nossa Senhora e somos as contas do rosário dela. Se um deixar o rosário quebrar, todo mundo padece junto.*

Essa relação era perceptível quando presenciamos numa festa a relação entre os parentes. Era festa de Outubro, festa de Coroa Grande, de Nossa Senhora do Rosário e

um capitão, ainda adolescente, estava de mal de uma rainha, que é sua tia. Há tempos não se falavam, por discórdias comuns entre jovens e adultos, mas na hora em que a festa começou e todos foram saravar<sup>4</sup> reis e rainhas para iniciar o ritual, ele, como capitão, foi e também a saravou, tanto no início quanto no final do festejo. Se as brigas e as controvérsias imperam no cotidiano, a festa, por sua vez, é a suspensão deste cotidiano, são as contas do rosário que permanecem unidas. Roberto da Matta (1979) nos diz que a dramatização nesses rituais faz surgirem novos significados e as seqüências de comportamento são ampliadas ou interrompidas. Podemos perceber o drama ali presente, mas há também a possibilidade de uma nova relação, da superação desses conflitos.

As regras sobre respeito à hierarquia e obrigações com o sagrado são seguidas por todos os integrantes da Irmandade e do ritual da Congada. São explícitas e todos devem segui-las, mesmo que depois, no cotidiano, continuem a não se olharem. Ali é o momento da sacralização da vida.

C.Geertz (1989), afirma que:

*Na crença e na prática religiosa, o ethos de um grupo torna-se intelectualmente compreensível porque demonstra representar um tipo de vida idealmente adaptado ao estado de coisas atual que a visão de mundo descreve, enquanto a visão de mundo torna-se emocionalmente convincente por ser apresentada como uma imagem de um estado de coisas verdadeiro, especialmente bem-arrumado para acomodar tal tipo de vida.*

Há mais de cem anos os Arturos permanecem unidos em torno dessa herança familiar, que se inicia no final do século XVIII com o ex-escravo Arthur Camilo Silvério, de onde vem à denominação Arturos. Em toda a Minas Gerais são um exemplo de unidade aglutinadora da vida comunitária, residem num espaço comum onde se sentem seguros, abençoados, irmanados e mais próximos do sagrado. Sagrado que é celebrado e alimenta a todos, tanto do interior quanto no exterior da comunidade. Sagrado que hierarquiza a relação familiar e restaura o parentesco iniciado no tempo da escravidão.

---

<sup>4</sup> Comprimento entre os Congadeiros, Irmãos do Rosário. Traçam um sinal de cruz um no outro com as mãos dadas e saúdam-se com um Salve Maria.

Os filhos de Arthur Camilo Sivério e Carmelinda Maria, ainda vivos, ocupam dentro da hierarquia religiosa os cargos de comando. O filho mais velho Mário Braz da Luz é o Capitão-Mór e patriarca, cargo ocupado primeiro pelo pai e depois pelo irmão Geraldo Arthur Camilo, a quem sucedeu em junho de 2004, quando de seu falecimento. Cabe ao Capitão-Mór zelar pela preservação dos valores espirituais e morais do grupo. Ensinar e comandar os ritos de passagem, iniciar e encerrar os rituais. Sua esposa, Maria Auxiliadora dos Santos, Dodora, é Rainha 13 de Maio, cargo ocupado desde março de 2007, quando faleceu Izaíra Maria, filha de Artur Camilo e rainha da mesma coroa. Antonio Maria da Silva é o Capitão Regente, aquele que tem por responsabilidade organizar e comandar a festa. É ele quem diz como e quando Congo e Moçambique sairão, organiza o levantamento de mastros, a realização do Candombe, os cortejos internos e externos, decide quanta e quais guardas irão convidar para as festas, orienta os capitães, rege toda a parte prática do ritual. Sua filha Maria Lúcia da Silva Santos é Rainha Conga, coroa assumida quando do falecimento de sua tia Juventina de Paula Lima, também filha de Artur Camilo falecida em 2005. É a coroa maior do Congado, simbolizando a presença de Nossa Senhora no reinado. A Rainha Conga tem a responsabilidade de junto com os demais reis e rainhas, zelar e velar por todo o reinado, de pôr a benção em todos os filhos do rosário. Conceição Natalícia da Silva, Tetane, é Rainha do Império. Como a irmã mais velha é símbolo da força e sabedoria no reinado. Seu filho mais velho é o Primeiro Capitão do Congo e atual presidente da Irmandade do Rosário de Contagem, exercendo seu segundo mandato. Maria do Rosário da Silva, a Induca, é Rainha Perpétua e além de compor junto com os irmãos o reinado de Maria, organiza o preparo dos alimentos para a festa e receber as guardas na casa dos pais. Joaquim Bonifácio da Silva, Seu Bill, é Primeiro Capitão do Moçambique, o que comanda a guarda e puxa os cantos e pontos dividindo espaço com seus outros capitães. O primeiro Capitão é exímio conhecedor da tradição e das histórias narradas pelas guardas.

Nessa hierarquia ainda estão todos os filhos, netos, esposas, noras e genros dos filhos de Artur Camilo e Carmelinda Maria que são capitães, dançantes, bandeireiras, cozinheiras, doceiras, caixeiros, guarda-coroas, fiscais, fogueteiros, reis fesfeiros, ou seja, contas do rosário de Nossa Senhora. Bem como seus filhos que já morreram: Raimundo Afonso da Silva, Geraldo Arthur Camilo, José Acácio da Silva, João Batista

da Silva, Juventina de Paula Lima e Izaíra Maria da Silva e os vários amigos e amigas que ao longo do tempo foram ajudando a compor o reinado.

### **Irmanados na festa**

A festa é para os Arturos a característica básica de sua existência enquanto grupo, é o laço que os une como membros de uma mesma família e comunidade de fé. Estar em festa significa retornar às origens, aos caminhos míticos dos ancestrais, e reavivar os ritos iniciados por eles. É na festa que cada membro da família assume seu lugar na grande corrente como contas que formam o Rosário de Nossa Senhora. Ao compor este Rosário, rompem as fronteiras entre passado e presente, retornam às origens e abrem as portas para que os ancestrais atravessem o espaço e juntos recriem esse momento de sacralização da vida. Percorrem juntos os caminhos ancestrais e retornam à grande família negra na Terra-Mãe. Fazem do canto e da dança, acompanhado do toque dos tambores, a linguagem que transmite suas alegrias e necessidades ao Criador, conforme exterioriza Gomes e Pereira (2000):

*A história da dança sagrada se perde nos tempos: o homem que buscava falar ao Criador moveu o corpo e alma para alcançá-lo. Rezar a Deus é uma etapa posterior, quando o homem já havia adquirido a função da linguagem. Antes a linguagem gestual utilizava a totalidade da energia — corpórea e psíquica — para encontrar o ponto de união com o Cosmos. (p.214)*

Cantar e dançar juntos funda um novo tempo para os Arturos, tempo de grande união celebração do sagrado que é reincorporado e reavivado pela coletividade. Tempo de suspensão com o cotidiano e que revela a intimidade da família com um universo que só eles conhecem e dominam, onde entram em comunhão com os primeiros familiares, os nascidos aqui e os vindos da sonhada e desconhecida África, que na fala dos filhos de Arthur Camilo se transforma na “Terra de vovô”.

Essa imagem de África que os Arturos têm, da terra do avô, é uma imagem mítica, povoada pelas histórias contadas pelos antepassados e ilustrada por sua própria imaginação. Falam de Aruanda, de onde veio “nego véio”, como sendo o lar dos sábios, lugar de rara beleza e berço da tradição que hoje preservam. É essa a África, a Aruanda que está em seu canto, em sua dança, em seus segredos. É a terra onde se encontram

seus parentes distantes, como nos conta uma capitã sobre a visita de alguns missionários africanos à comunidade:

*O padre Geraldo ligou avisando que uns africanos estavam visitando a paróquia e se poderia trazê-los para nos conhecer. Claro que concordamos. Juntamos a mulherada para preparar biscoitos para recebê-los. No outro dia, quando eles chegaram, eram uns cinco, parecia que era gente da gente mesmo. Pretinhos como nós, com a mesma cara e o sorriso largo. Foi uma festa só. Eles também se acharam parecidos conosco, alguns até choraram e disseram que estar na comunidade era como estar na aldeia deles. Não me lembro o nome do lugar, mas acho que eles se sentiram lá em Aruanda mesmo. Até a gente se sentiu assim. Eles tocaram caixa, cantaram e dançaram. Agora eu sei que realmente aprendemos muito do que sabemos e fazemos com eles. Foi muito bom.*

Esse tipo de acontecimento reforça o sentimento de pertença dos Arturos. Eles se sentem mais fortes e irmanados. A presença dos africanos confirma o elo da família com a Terra Mãe e a história dos ancestrais ganha força e vida entre eles. O que era mítico passa a ser verdadeiro. Está ali, nos rostos negros e nas lágrimas derramadas para todos que quiserem ver. Ainda que muitos não vejam, não importa, essa certeza ficou para sempre registrada em suas memórias e aparecerá nas festas, na alegria de poder dançar a confirmação de uma história vivida.

As festas rompem com o cotidiano e estabelecem um novo tempo para a comunidade. Elas dividem-se em internas e externas. As festas internas, em que todos se sentem mais à vontade, em que podem livremente deixar-se incorporar pela força ancestral, ocorre no interior da comunidade, espaço consagrado pelos antepassados. São as festas familiares, o Batuque, o Candombe e o João do Mato. As externas realizam-se com as saídas em cortejo pelas ruas do bairro, onde os Arturos comunicam-se com a sociedade que no dia-a-dia mal os enxerga. São: a Festa da Libertação dos Escravos, a de Nossa Senhora do Rosário e a Folia de Reis.

As festas são ansiosamente aguardadas por todos os membros da família. Seu anúncio é feito por um mastro que cerimoniosamente é levantado como símbolo sagrado, tendo no alto uma bandeira com a imagem de uma coroa e um bastão, símbolos do reinado. É o chamado “mastro de aviso”, que sobe nove dias antes da grande festa para anunciar que um novo tempo foi instaurado naquele espaço, tempo de reinado de Nossa Senhora. Tempo de reinado, é tempo de paz. Ao levantar o mastro os negros

corpos balançam à sua volta batendo os pés como querendo entrar, junto com sua base, terra adentro, e ao mesmo tempo conectar-se com as três dimensões do universo que o mastro interliga: o mundo dos mortos, o espaço terreno e céu, girando num incessante canto, convocando vivos e mortos a reinar:

*Ei! Esta bandeira de papai,  
esta bandeira de mamãe,  
vamos lá no altar visitar Nossa Senhora,  
marinheiro, minha gunga saravar*

O mastro é o que caracteriza o centro energético da festa, por isso ele é levantado no que consideram o centro do terreiro. É em torno dele que se dança e se recriam as reuniões e festividades dos primórdios, a busca de integração com o Cosmos. É ele quem fará a ligação entre o visível e o invisível. Ele representa o elo de ligação entre os três mundos que nos cercam: a base, no subsolo, conecta-se ao reino dos mortos, o centro, ao espaço terreno — dos vivos, e a ponta, atinge o espaço celeste — o reino sagrado de Zambi e seus santos. Todos juntos, assim conectados, farão desses nove dias, o tempo de recriar o mundo que os cerca e fortalecer os laços que os ligam aos ancestrais.

Segundo Eliade (s.d), vários povos e culturas buscam para si algo que representa o centro do mundo, numa repetição constante da cosmogonia. Seja uma montanha sagrada ou um templo ou palácios, todos buscam algo que simbolize um ponto de encontro entre o céu, a terra e o inferno. Os mastros representam o centro sagrado, a zona da realidade absoluta que sobreviveu no mundo ocidental até hoje, num ato preeminentemente divino. O mesmo autor diz que: “... *O Universo é concebido como algo que se espalha a partir de um ponto central. A criação do homem, que responde à cosmogonia, também teria acontecido em um ponto central, no centro do mundo*”. (p. 26)

É a partir da crença de que a vida é recriada ao redor daquele que simboliza o centro do mundo, o mastro, que os Arturos se conectam com o sagrado que se manifesta no período festivo.

Del Priore (1994) destaca que o uso de estandartes e o levantamento de mastro nas festas remontam ao século XVI. Na Bahia, em 1718, o conde de Vila Verde determina que se levante um mastro pintado de branco e carmesim e coroado de uma grinalda dourada ao seu primogênito. Em Pernambuco, em 1745, os pardos da Irmandade de Nossa Senhora do Livramento, nos festejos do padroeiro São Gonçalo, solenemente soerguem oito mastros, todos ricamente pintados de verde e enfeitados com bandeira de santos a tremular no vento.

Cascudo (1954) irá além ao afirmar que o Brasil conservou a tradição dos mastros principalmente nas festas de São João, onde ele exerce função votiva, mas outras tradições da cultura popular também faziam uso desse elemento votivo. Onde o mastro representava uma reminiscência do culto agrário e tinha significações mágicas. Em alguns lugares do Brasil era comum plantar uma árvore junto ao mastro e colocar nela os frutos da terra, que eram todos queimados no último dia dos festejos e as cinzas guardadas. Representava a possibilidade de se fazerem súplicas e votos no exato momento em que se socava a terra à sua volta. Os Arturos, no momento de socar a terra para firmar o mastro ao chão, acendem velas à sua volta para iluminá-lo e iluminar a passagem dessa energia cósmica que se dará entre as três dimensões do universo. Momento acompanhado pelos reis, rainhas e capitães que o tocam com seus bastões e rosários para firmá-lo e prepará-lo para se tornar esse elo mágico.

Ao acompanhar este ritual a impressão que se tem é que a terra gira e a batida dos pés no chão parece aumentar o retumbar dos tambores provocando uma onda energética quase visível. Durante vários minutos os participantes são envolvidos por este momento de pura magia e sinergia. Por isso é importante que todos estejam unidos numa só intenção. A família sente e sabe que só conseguirá atingir o ápice da festa se se tornar uma, se deixar de ser nove, dez, para ser um: os Arturos.

Pode-se dizer que os Arturos vivem duas realidades, transitando entre o sagrado e o profano. No cotidiano são trabalhadores de uma classe desprestigiada, aliados do poder pela pouca formação educacional, moram em residências pobres, sofrem todo tipo de necessidades e passam despercebidos pela multidão; nas festas transfiguram-se em filhos do Rosário e se fazem inteiros, eternos, entram em comunhão com o Cosmos,

com a Terra Mãe. São os portadores do sagrado. Por isso se unem, esquecem o que os separa e dão-se as mãos fechando as contas do rosário de Nossa Senhora. Salve Maria.

## BIBLIOGRAFIA

BASTIDE, Roger. *As religiões africanas no Brasil*. Contribuição a uma sociologia das interpretações de civilizações. Tradução de Maria Heloisa Capellato e Olívia Kräunhembühl. 2ª ed. e ampl. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1959.

BERNARDO, Teresinha. *Memória em branco e negro: olhares sobre São Paulo*. São Paulo: EDUC: Fundação Editora UNESP, 1998.

BOSCHI, Caio César. *Os leigos e o poder – Irmandades Leigas e Políticas Colonizadora em Minas Gerais*. São Paulo: Ática, 1986.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O Divino, o Santo e a Senhora*. Rio de Janeiro: MEC/DAC/FUNARTE, Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, 1978.

CAILLOIS, Roger. *O homem e o sagrado*. Tradução de Geminiano Cascais Franco Lisboa: Edições 70, 1979.

CARNEIRO, Edson. *Ladinos e crioulos – estudos sobre o negro no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

CARVALHO, José Geraldo Vidigal de. *A Igreja e a escravidão: uma análise documental*. Rio de Janeiro: Presença Edições; Brasília/ INL, 1985.

DEL PRIORE, Mary. *Festas e Utopias no Brasil Colônia*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

ELIADE, Mircea. *O mito do eterno retorno. Arquétipos e repetição*. Trad. José A Ceschin. São Paulo: Mercuryo, 1992.

\_\_\_\_\_. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. Coleção Vida e Cultura; Edição “Livros do Brasil” Lisboa. [s.d].

FONSECA, Geraldo. *Contagem perante a História*. Contagem: Edição da Assessoria de Imprensa e Relações Públicas da Prefeitura Municipal de Contagem, 1978.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC – Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., 1989.

GOMES, Núbia Pereira de Magalhães & PEREIRA, Edimilson de Almeida. *Negras Raízes Mineiras: Os Arturos*. 2ª Ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2000.

\_\_\_\_\_. *Arturos: Olhos do Rosário/fotos*, Marcelo Pereira. Belo Horizonte: Mazza Edições, 1990.

\_\_\_\_\_. *Mundo encaixado: significação da cultura popular*. Belo Horizonte: Mazza Edições; Juiz de Fora: UFJF, 1992.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1990.

HOBBSBAWN, Eric. *A Invenção das tradições*. Coleção Pensamento Crítico, vol. 55 - 2. edição. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, [s.d.].

LÉVI-STRAUSS, Claude. *As estruturas elementares do parentesco*; tradução de Mariano Ferreira. Petrópolis, Vozes, 1982.

LOPES, Nei. *Bantos, malês e identidade negra*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1988.

POLLAK, Michael. “*Memória, Esquecimento, Silêncio*”. In: Estudos Históricos vol. 2. Rio de Janeiro: Vértice, 1989.

\_\_\_\_\_. *Memória e Identidade Social*. Trad. Monique Augras. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

RABAÇAL, Alfredo João. *As congadas no Brasil*. São Paulo: Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia, Conselho Estadual de Cultura, 1976.

RAMOS, Arthur. *A Aculturação Negra no Brasil*. BPB – Biblioteca Pedagógica Brasileira, Série 5. – vol. 224. São Paulo – Rio de Janeiro – Recife – Porto Alegre: 1942.

SLENES, Robert W. “*Malungo, ngoma vem!*” *África e descoberta no Brasil*. Revista USP, n. 12, p.48-67, dez./jan./fev. 1991-1992.

SOUZA, Marina de Mello e. *Reis negros no Brasil escravista: história da festa de coroação de Rei Congo*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

TINHORÃO, José Ramos. *As festas no Brasil colonial*. – São Paulo: Ed. 34, 2000.